

VILLAS-BÔAS CORRÊA *

Toda vez que o voto fala, ensina lição nunca aprendida e fixa conceito como verdade definitiva. Até que outro resultado o corrija ou desminta.

Na azarada coincidência com a entrevista coletiva do presidente Fernando Henrique Cardoso, a derrota do governo com a rejeição, pela Câmara, com diferença desmoralizante de 306 votos contra mingüados 124, do projeto de lei que previa a criação de alíquotas de contribuição dos servidores inativos para aliviar a penúria dos cofres da Previdência Social, relembra que o voto no varejo de plenário sem liderança e bancadas caóticas não briga com o interesse do eleitor. Ainda mais em ano de eleição municipal.

Fernando Henrique certamente recolherá muitas explicações e justificativas para a inversão desastrosa das tendências da Câmara: a oposição ganhou com os votos que costumam enfeitar os sucessos do governo.

O tranco em cima do pronunciamento presidencial soa como resposta desaforada dos insatisfeitos com o tratamento que vêm recebendo de ministros e assessores. Um puxão na arrogância, na improvisação da equipe composta com excesso de amadores e escassez de profissionais do ramo.

Mas, não se deve exagerar a significação de um episódio que, por outro lado, o governo não deve menosprezar.

Evidente que a entrevista é mais importante. Basta comparar os espa-

ços que os dois assuntos ocuparam nos jornais, nas rádios e televisões.

E olhem que o presidente não disse nada de arregalar olhos de espanto. Brilhou, como de costume, na facilidade do improvisado, na rapidez das respostas às perguntas bem comportadas dos repórteres, no charme das suas qualidades de comunicador. Anunciou intenções e planos na sacudidela da administração neste 96, sem grandes ousadias mas sempre um avanço, depois da timidez da quebradeira oficial de 95.

Afinal, o recado político. Insinuado nas circunstâncias um tanto inusitadas da convocação da imprensa e no esquisito horário vespertino, de baixíssimos índices de audiência das TVs, esparramou-se pela hora e meia da exposição inicial e da rodada de perguntas dos repórteres sorteados e as respostas instantâneas. A rapidez com que o presidente responde a qualquer pergunta é uma das características do seu estilo, refletindo a aprendizagem do professor. E se passa para o público a agilidade da inteligência treinada na frequência a congressos, debates, reuniões, conferências, obriga a retificações para a corrigenda dos escorregões da prensa.

Bem, é hora de catar o que sobrou da colheita política para a tentativa de descobrir intenções e perceber objetivos. Presidente não fala à toa. Tanto que, na maioria das respostas, desviou-se do tema para encaixar o que realmente desejava dizer.

Assim, por exemplo, nos desabafos de críticas à oposição e de cobrança à fidelidade dos aliados.

Tratamento diferenciado. O tom com que se referiu à oposição está longe da indignação e muito mais próximo da reprimenda bem humorada, raspando na zombaria. Fica claro que não está acreditando na oposição. Talvez se contivesse se adivinhasse a amarga derrota horas mais tarde.

Não importa, no caso. A cabeça política do presidente reajustou o esquema para os lances do futuro a partir de algumas preliminares básicas. Uma delas, ponto de referência fundamental, é a convicção de que a oposição, com a qual se confrontou nas urnas em que se elegeu, está esvaziada e não tem o mesmo cacife para forçar a polarização, ocupando uma das pontas da gangorra. O PT certamente lançará candidato próprio à sucessão de 98. Insistindo, pela terceira vez, na candidatura de Lula. Não por teimosia ou falta de imaginação. Mas, pela evidência de Lula continua a melhor opção, a única que garante a unidade da legenda e com amplas possibilidades de atrair os aliados de sempre.

No alerta aos aliados e numa frase solta completa-se o raciocínio, até seu fecho especulativo.

“O que espero mesmo dos aliados — disse para a turma de casa, aconselhando a melhor tática eleitoral — é que têm que defender com energia o que o governo está fazendo. Ir para a eleição com força, mostrando o que estamos fazendo agora. Percebendo isso, ganham as eleições. Se não fizerem isso, quem ganha é a oposição.”

Um pouco de esperteza tempera o

conselho. Mas, sem driblar a verdade. O eleitor não perdoa o oportunismo do discurso de campanha e desconfia do aliado da véspera que caça o voto criticando o governo. Se quer votar contra, por que não votar na oposição de verdade?

A tática para o teste municipal de outubro valerá para daqui a dois anos.

O presidente monta alternativas. Que se entremostrem na melhor frase da entrevista: “Se quiserem outra eleição, vamos ganhar. Não eu, mas quem eu apoiar”.

Não se pode levar ao pé da letra o descarte da reeleição. Os abalos e incidentes de percurso do fim do ano passado empurraram a reeleição para a agenda de 97. Ou para o segundo semestre deste ano, depois de aprovadas as reformas que estão na fila e de remendados os rombos no seu dispositivo. Ora, não faz mal algum atizar ambições que a sua candidatura inviabiliza. Se a reeleição recuperar o fôlego, saltará os obstáculos que a embarçam. Na hora própria.

Abanar pretensões entre aliados ativa fidelidades hesitantes. E vai além. Pois o presidente está acenando com seu apoio decisivo ao candidato que merecê-lo. Se não puder ser ele, fará o sucessor. Dependendo da continuidade da sustentação popular. E contando com a debilidade da oposição.

Este o formato da nuvem neste verão. Pode mudar. Conforme a direção do vento.